

“O PÓLO CALÇADISTA DE JAU: SUAS IMPLICAÇÕES SÓCIO ECONÔMICAS E ESPACIAIS”

ANTONIO MARCOS RODRIGUES OLIVEIRA

LILIANA BUENO DOS REIS GARCIA

Introdução

A indústria de calçados é um dos poucos segmentos da indústria brasileira que, nos anos 80, apresentaram desempenho positivo.

Tradicionalmente intensiva em mão-de-obra, ela tem uma estrutura diversificada onde predominam as micro, as pequenas e as médias empresas, sendo reduzido o universo das grandes empresas, ainda que estas tenham elevada participação no total do faturamento da indústria e marcada liderança. (Reis: 1994).

Segundo a ABAEX (Associação Brasileira de Exportadores de Calçados), a relação exportação/vendas na indústria brasileira de calçados, em 1990, era de 28%, uma das mais altas da indústria de transformação, empregando 5,6 % do pessoal ocupado na produção no mesmo ano.

Esta produção está localizada em dois grandes centros, com especificidades próprias, representando em torno de 84% da produção brasileira de calçados: o Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul (49,6%), produzindo quase exclusivamente calçados femininos, e o Estado de São Paulo (34%), destacando :

- a cidade de Franca, principal centro produtor de calçados masculinos;
- a cidade de Jaú, capital do calçado feminino de São Paulo;
- a cidade de Birigüi, conhecida por produzir calçado infantil.

A idéia que norteia esta dissertação está fundamentada nas condições estruturais das indústrias calçadistas do município de Jaú. Estas indústrias produzem quase que exclusivamente calçados femininos e são a maior concentração produtiva deste artigo no Estado de São Paulo.

O objetivo é analisar as condições estruturais dessas fábricas, conhecendo seu cotidiano e suas implicações no espaço jauense, bem como as alterações que

ocorreram neste espaço, para tanto, foram investigadas neste trabalho a estrutura produtiva e financeira das indústrias calçadistas localizadas no município de Jaú.

O cotidiano dessas indústrias foi analisado através de duas ópticas: a dos empresários e a dos sapateiros. Com isto, pretendemos mostrar que o que aparentemente são visões diferentes, acabam caminhando para um objetivo único, ou seja, a luta para garantir as condições de crescimento das indústrias de calçado.

O município de Jaú, SP, está localizado na Região Administrativa de Bauru e distante aproximadamente 300 Km da metrópole paulistana. O pólo industrial, objeto de análise nesta investigação, utiliza das condições locais que foram criadas para o seu funcionamento e crescimento, tendo características próprias e um cotidiano bastante singular, que amplia as distorções neste espaço local.

O interesse pelo pólo monoindustrial deve-se ao fato deste produzir apenas calçado feminino e também pela complexidade das indústrias envolvidas nesta produção, bem como o tamanho das mesmas que são, na maioria, pequenas “fabriquetas” que a cada dia tentam se afirmar um pouco mais no mercado. Com isto, refletiu-se nesta dissertação a complexidade de um local e suas características internas e externas.

Algumas evidências nos levaram a iniciar esta pesquisa. A primeira foi o fato desta localidade resistir às influências globais e continuar produzindo calçado com as características específicas criadas no local.

Outra evidência importante foi o número de empresas presentes no município produzindo o mesmo tipo de produto, e a grande rede de pequenas indústrias que se formou neste pólo. Jaú não é o único pólo produtor de calçado do Estado de São Paulo, mas com certeza é o que mais se especializou na produção de calçado feminino.

Desse modo, as características próprias das indústrias calçadistas jauenses irão diferenciar este dos demais centros produtores de calçados do Brasil e principalmente dos maiores centros produtores de calçados do mundo.

Hoje, neste fim de século, um desafio é lançado para todos: pensar o mundo, pela primeira vez, como uma sociedade global, onde o poder nacional vem gradativamente perdendo autonomia frente à realidade global que está cada vez mais articulada segundo uma lógica própria.

Neste sentido, os espaços locais deferenciam-se e hierarquizam porque são todos extensões de um processo maior, ou seja, a formação do mundo global. Com isto, entender as relações cotidianas das indústrias calçadistas é entender parte do mundo, pois é no local que as relações se concretizam, se realizam e se transformam, pois é aqui que crescemos, agimos, pensamos, trabalhamos, é onde tudo se realiza ou deixa de se realizar.

Assim, aceitando que as realizações ocorrem no pólo, as investigações que foram feitas em pesquisa direta buscaram responder algumas questões fundamentais, que explicam a constituição e formação do mesmo. São questões relacionadas com as relações de produção, as relações de trabalho, o mercado, enfim com a produção de calçado, suas especificidades e especialidades, assim como sua inserção como pólo monoindustrial em um contexto capitalista globalizado.

Os procedimentos desenvolvidos e as técnicas utilizadas na elaboração da pesquisa e principalmente na coleta de dados merecem ser explicitados, para uma compreensão de como a mesma se desenvolveu.

O levantamento bibliográfico constituiu o primeiro estágio da pesquisa. Nele foram levantados os aspectos teóricos e metodológicos que orientaram a elaboração da dissertação. Em seguida procedeu-se à pesquisa de campo, buscando-se os dados referentes ao número de indústrias calçadistas em Jaú, junto à Prefeitura municipal, ao sindicato patronal e ao sindicato dos sapateiros.

Esses dados não nos deram com exatidão o número efetivo de empresas, pois tanto nos cadastros da Prefeitura como dos sindicatos constavam empresas já fechadas. Para tanto, foi necessário uma unificação dos mesmos para se chegar ao número mais próximo das indústrias localizadas no município de Jaú.

Os dados apresentados foram checados com pesquisa direta, sendo que a mesma nos possibilitou elaborar uma listagem das empresas de calçados que efetivamente estavam em funcionamento em Jaú nos anos de 1997 e 1998.

Na posse dos três cadastros, foi possível contrapor os dados e chegar à realidade mais próxima do número de indústrias localizadas no município de Jaú, no período analisado. Posteriormente, com o auxílio de um sindicalista do sindicato dos sapateiros, passamos a visitar as fábricas e descobrimos que muitas não estavam em funcionamento ou haviam encerrado suas atividades.

Algumas catalogadas como indústrias calçadistas eram, na realidade, bancas de pesponto. Com isso, ao longo do trabalho foi possível atualizar os cadastros utilizados e chegar ao número provável das indústrias calçadistas em Jaú, num total de 121 indústrias

Este número é aproximado, pois novas pequenas fabriquetas continuam sendo abertas sem um controle por parte do sindicato patronal e dos sapateiros e mesmo de entidades públicas, o que dificulta o conhecimento total dessa rede de pequenas empresas.

Na delimitação da pesquisa de campo, optou-se por não trabalhar com o universo das indústrias calçadistas. Para tanto, após o auxílio de um especialista em estatística, ficou delimitado que trabalharíamos com uma amostra, de 30 pequenas indústrias de calçados. Em caso de recusa em responder o questionário/formulário, a empresa seria substituída por outra, anterior, ou no caso de nova recusa, pela

posterior, tendo como referência os registros do cadastro com o universo das médias empresas (11 indústrias).

Quanto ao tamanho dos estabelecimentos, utilizou-se como referência o número de funcionários ocupados por fábricas. Desta forma, estabeleceu-se que as empresas com:

- 1 – 50 funcionários, seriam consideradas como pequenas indústrias;
- 51 – 100 funcionários, seriam consideradas como médias indústrias; com mais de 101 funcionários, grande indústria.

A pesquisa de campo, junto aos estabelecimentos industriais, constituiu-se na visita do pesquisador e na aplicação de questionários/formulários junto aos estabelecimentos selecionados, e nas entrevistas com os sapateiros. Essa pesquisa foi desenvolvida de setembro de 1997 a setembro de 1998.

A denominação questionário/formulário refere-se às perguntas que compõem a pesquisa de campo, sendo por nós denominado de questionário, quando o mesmo foi aplicado diretamente ao empresário e/ou dirigente empresarial, e formulário quando, na impossibilidade destes responderem, por falta de tempo ou por outros motivos, o mesmo era deixado e posteriormente devolvido. Em muitos casos, foram deixados formulários e até o encerramento da pesquisa estes não foram entregues de volta.

Nesta pesquisa, os questionários/formulários foram aplicados ao empresário, que é o proprietário, ou ao dirigente da empresa, quando o empresário não podia responder o mesmo.

A busca das respostas faz parte de um plano empírico, realizado através de uma intensa pesquisa de campo em Jaú e, no plano teórico, do entendimento dos amplos e complexos processos industriais ocorridos em nível mundial - internacionalização do sistema de produção capitalista – e em nível local - formação e estruturação do Pólo Calçadista de Jaú.

Conhecendo o Pólo Calçadista de Jaú, SP

Neste capítulo abrir-se-ão todas as engrenagens do pólo jauense, e conheceremos suas características financeira e produtiva, bem como a importância desta concentração de indústrias específicas para o município, levando à criação de um pólo.

O termo pólo, é muito complexo. Vários autores buscam dar sua contribuição para definir este modelo, que é adotado para designar, de maneira geral, as concentrações industriais de um mesmo ramo.

Schmitz (1989) entende por pólos industriais a reunião numa mesma cidade ou região de um determinado número de empresas, cujas atividades estejam voltadas para um mesmo produto final, atividades estas que podem ser similares (um mesmo tipo de produto) ou complementares (distintas fases de um processo produtivo). Ou seja, os pólos industriais se caracterizam principalmente pela “aglomeração setorial” existente quando cidades ou regiões têm sua economia voltada para um mesmo produto.

Para Benko (1996: 153), “pólo é um aglomerado de empresas inovadoras, dinâmicas, motrizes, onde o investimento nas empresas mais rentáveis (em renda per capita e emprego) tem efeitos importantes em toda a economia regional. Com isto, o pólo tem que criar condições para desenvolver um local.”

As definições de pólo são várias, porém as características de integração e união de um local, através de uma cooperação, levam necessariamente à criação de um pólo.

Jaú possui 121 empresas, sendo que as mesmas contribuem para o desenvolvimento deste local, como de seu entorno, com relações de produção diretas e indiretas, ou seja, criando neste espaço condições para um desenvolvimento local.

Dessa forma, pode se dizer que existe um pólo no município de Jaú, SP, com especificidades próprias entre as empresas calçadistas do município. Um pólo monoindustrial que canaliza todo o seu potencial na produção de calçado feminino, onde as relações entre os atores envolvidos justificam a sua existência.

Em função das análises feitas, consideramos Jaú um pólo calçadista, embora, apesar de encontrarmos uma certa cooperação entre as empresas presentes neste espaço, está muito longe de se tornar um distrito industrial, como os distritos italianos. A característica básica desse pólo é a concentração dessas indústrias usufruindo das vantagens criadas por este local, que se tornou gradativamente o maior produtor de calçados femininos do Estado de São Paulo.

Este pólo calçadista possui características próprias, pois o cotidiano deste espaço só pode ser compreendido e analisado através da estrutura local, criada em Jaú a partir do início da década de 50.

O cotidiano do pólo calçadista jauense cria condições particulares, como características similares a outros pólos calçadistas, porém o entendimento de sua estrutura só se torna possível com a análise deste cotidiano, que pode ser simples, porém pertence a este espaço.

O espaço local jauense determina as relações que ocorrem dentro do pólo, onde as empresas criam uma estrutura própria de competição e criação do *designer* do calçado. Para entender as relações produtivas, sociais, econômicas e financeiras, é necessário entender o cotidiano dentro do pólo calçadista jauense.

As informações obtidas e os dados coletados, organizados e interpretados, neste capítulo, mostram as características gerais da estrutura financeira e produtiva do Pólo Calçadista de Jaú, evidenciando suas relações e sua importância como pólo local, que contribuiu para o desenvolvimento do município de Jaú.

A criação de um Pólo: A Estrutura Financeira

O Pólo Calçadista de Jaú é composto por um grande número de pequenas indústrias, aproximadamente 121 fábricas, que produzem calçado para a região de Jaú, para todo o Estado de São Paulo e para outros estados. Quando comparado com outros pólos, vê-se que a produção é pequena, pois as 121 indústrias de calçados produzem aproximadamente 62.000 pares dia, atingindo um mercado específico. As grandes, médias e pequenas empresas, possuem uma estrutura diferente, sendo que algumas estão há pouco tempo no mercado.

A concentração dessas empresas favorece as compras dos lojistas, já que estes podem opinar sobre o modelo do calçado a ser produzido e até mesmo conseguir que se produzam sapatos com a marca de sua loja. Este aspecto é muito importante para os pequenos produtores, pois aumentar a sua participação no mercado é fundamental e denota uma relação da atual fase do capitalismo global, ou seja, a flexibilidade produtiva, isto é, a capacidade do produtor de se adequar às exigências e às necessidades do “comprador”, que irá colocar este sapato no mercado consumidor.

As indústrias mais antigas que fizeram o nome de centro produtor de calçados de Jaú formam, com outras fábricas, o pólo calçadista. Estas surgiram entre o final da década de 40 e 70, e são hoje as maiores empresas e as que possuem uma estabilidade maior na produção, podendo suportar por um tempo maior as crises constantes de nosso país e são também as que empregam um número maior de funcionários.(Tabela 1).

Os estabelecimentos médios e pequenos apareceram entre as décadas de 70 e 90, atingindo seu apogeu nos anos 90, quando 20 novas empresas foram instaladas. A maioria é de propriedade de ex-funcionários de empresas maiores, que se uniram e criaram suas pequenas empresas. (tabelas 2 e 3 e gráfico 1).

Concomitantemente, no mesmo período ocorreu o fechamento de alguns estabelecimentos, demonstrando a sazonalidade do setor calçadista de Jaú.

Tabela 1- Grande Indústria, ano de instalação, mão-de-obra ocupada e origem de capital investido no Pólo Calçadista de Jaú.

Indústrias	Ano de Instalação	Mão-de-Obra	Origem do Capital
Calçados Los Angeles	1979	150	Local/Nacional
Claudina	1969	290	Local
Ferrucci	1947	280	Local
Ind. Calçados Daviana	1972	130	Local
Ind. Calçados J. Carrara	1973	150	Local
Ind. Calçados Melozo	1954	151	Local
Jarbas Faraco & Cia	1956	133	Local
Total		1284	

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 2 - Média Indústria , ano de instalação, mão-de-obra ocupada e origem de capital investido no Pólo calçadista de Jaú.

Indústrias	Ano de Instalação	Mão-de-Obra	Origem dos Capitais
Calçados Sammia	1989	55	Local
Daleph	1973	80	Local
Ind. de Calçados Glalfer	1995	72	Local
Ind. de Calçados Kerolyn	1987	55	Local
Leslei M.	1990	89	Local
Luiz C. Calegari	1991	77	Local
Mariota	1986	100	Local
Reminy	1996	75	Local
Total		603	

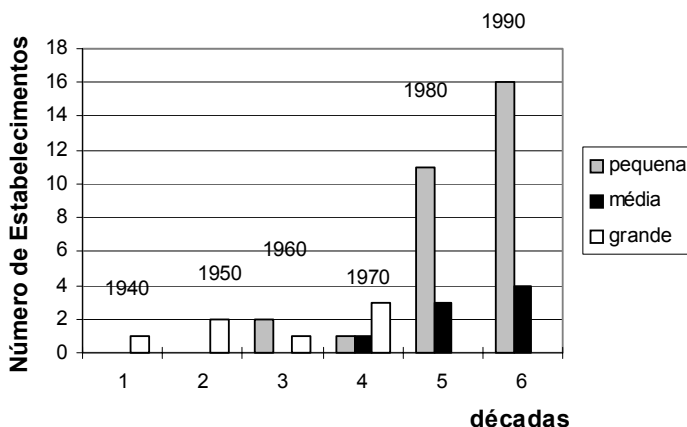
Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O

Tabela 3 - Pequena Indústria, ano de instalação, mão-de-obra ocupada e origem de capital investido no Pólo Calçadista de Jaú.

Indústrias	Ano de Instalação	Mão-de-Obra	Origem do Capital
Calçados Casemir	1989	5	Local
Calçados Charlo	1989	42	Local
Calçados Cruzera	1990	16	Local
Calçados Di Bettoni	1985	28	Local e Nacional
Calçados Levita	1992	12	Local
Calçados Liriane	1993	40	Local
Calçados Naturale	1990	43	Local
Calçados Viafax	1996	7	Local
Celson E. C. de Almeida	1994	16	Local
Di Capri	1995	5	Local
Due Fratelli	1994	40	Local
Furlanete	1986	28	Local
Hely Bianchi	1994	26	Local
Ind Calçados Ella	1985	40	Local
Ind Calçados Helena Kill	1995	23	Local
Ind Calçados Martins	1965	45	Local
Ind Calçados Oro	1992	26	Local
Ind Com Calçados JR	1985	38	Local
Irmãos César	1985	5	Local
Jacomine & Mosqueta	1987	13	Local
Jossepim & Massaroto	1989	30	Local
Luciane Borin Mussi	1995	20	Local
Maristela	1987	30	Local
Micaela Calçados	1995	16	Local
Ovidio Marostica	1993	4	Local
Paschoalini	1992	50	Local
R.B.C.	1988	5	Local
Sevilla	1968	45	Local
Terra Boa	1994	38	Local
Valéria	1979	10	Local
Total		746	

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 – Organizada por A.M.R.O.

Gráfico 1 - Períodos de instalação das indústrias de calçados de Jaú.



Organizada por A.M.R.O. – Fonte: Pesquisa direta, 1997/1998.

O gráfico acima nos mostra que o setor calçadista continua em expansão, porém os estabelecimentos que estão surgindo continuam a ser de capital local e ainda são indústrias que possuem entre 1 e 100 funcionários diretos, ou seja, empresas pequenas e médias que irão iniciar a competição por uma parcela do mercado consumidor. Porém a pouca diferenciação do produto final e a necessidade de um capital de giro maior dificultam a permanência dessas empresas, levando muitos empresários a um curto período de “sobrevivência industrial”, conforme Mendes (1997).

Pela pesquisa realizada notou-se que em todas as décadas vem ocorrendo a abertura de várias fábricas, assim como o fechamento de outras ou a união de grupos com outra razão social diferente, para continuarem sua atividade. Essa enorme instabilidade deve-se à falta de capital de giro da maioria dos pequenos estabelecimentos e de alguns médios estabelecimentos, que passam por um processo de surgimento, maturação, mas não atingem o desenvolvimento necessário, vindo a encerrar suas atividades, pois não conseguem ampliar seu mercado e muito menos obter uma solidez organizacional.

Outro fator importante refere-se à concorrência dessas 100 pequenas empresas e das 11 médias empresas que disputam o mesmo mercado. Nesse caso, a concorrência que gera competitividade deverá levar as indústrias do pólo calçadista jauense a aperfeiçoarem suas relações produtivas, organizacionais e mesmo tecnológicas. Pois é através da competição que ocorre uma adequação da fábrica às exigências de mercado, fortalecendo as mesmas.

O pólo calçadista de Jaú mantém suas relações produtivas com base no antigo sistema Fordista de Produção, onde o controle da mão-de-obra é fundamental e a produção é basicamente manual. Estes fatores são os grandes responsáveis pelo seu desenvolvimento, facilitando os investimentos de novos grupos e até mesmo de pequenos empresários interessados no setor.

Em relação à nova produção capitalista, as relações de subcontratação são similares às praticadas na Terceira Itália (Benko, 1996, Leborgne & Lipietz, 1994, Garofoli, 1994), o que vem demonstrar que as relações de trabalho estão mudando no mundo todo, enfatizando o argumento de Santos (1996: 252) de que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”.

Na fase atual do capitalismo mundial, Jaú encontra-se defasado em relação à tecnologia. Os maiores estabelecimentos, conforme tabelas 1,2 e 3, foram os primeiros a surgirem em Jaú, e continuam a basear sua produção na mão-de-obra artesanal, fundamentando o seu conhecimento na “arte de fazer”, com o uso de poucas máquinas modernas.

A tradição da produção garante aos empresários mais antigos uma estabilidade maior neste ramo. No entanto, as mudanças que vêm ocorrendo dentro do capitalismo global exigem necessariamente mudanças que venham adequar este pólo às novas tecnologias do setor calçadista, principalmente inserindo novas técnicas e novas tecnologias já utilizadas em outros pólos calçadistas.

A pesquisa de campo permitiu classificar os estabelecimentos quanto à origem do Capital investido (Tabela 1, 2, 3). Observou-se que todas as indústrias são de Capital local, com exceção da Di Bettoni e da Indústria de Calçados Los Angeles, que possuem Capital local e nacional. Diferentemente de outros pólos, a indústria calçadista jauense está baseada no capital local, criando uma particularidade e singularidade que trazem como consequências:

- dificuldade para obter capital de giro;
- falta de linha de crédito do BNDES;
- falta de uma política municipal para desenvolver mais o setor;
- condições para obter matérias-primas, não produzidas em Jaú, através de escritórios de representação, beneficiando todos os produtores;
- Adaptação quanto à mudança do designer do calçado, atendendo às tendências da moda.

São fatores decorrentes da estrutura do setor calçadista de Jaú. Convém lembrar que os anos de 98 e 99 vêm registrando o fechamento de algumas empresas, como a Indústria de Calçados Terra Boa, Calçados Levita, e a Indústria de Calçados Jacomine & Mosqueta, por falta de uma maior competitividade e de mercado consumidor.

O calçado feminino produzido por quase a totalidade das empresas calçadistas no Pólo jauense necessita de grande diversidade criativa, para manter um produto de qualidade e possuir preços baixos para os compradores, visto que quase todas as pequenas e médias empresas competem pelo mercado popular. O calçado mais sofisticado é produzido pelas empresas mais antigas e por algumas novas empresas, já que este tipo de calçado necessita de uma especialização maior e principalmente de matérias-primas mais sofisticadas, sendo seu mercado consumidor mais restrito. Os maiores produtores, como se observa nas tabelas 4, 5 e 6, são também os produtores mais antigos do pólo.

O pólo calçadista possui um número significativo de empresas, porém a maioria destas produz 380 pares diários de calçado em média (tabelas 4,5 e 6), número muito pequeno se comparado com as grandes empresas do Vale dos Sinos (RS).

Tabela 4- Grande Indústria , ano de instalação, quantidade de calçado produzido por dia em cada estabelecimento.

Indústrias	Ano de Instalação	Produção diária (em mil pares)
Calçados Los Angeles	1979	1.300
Claudina	1969	1.350
Ferrucci	1947	2.800
Ind. Calçados Daviana	1972	1.000
Ind. Calçados J. Carrara	1973	750
Ind. Calçados Melozo	1954	1.800
Jarbas Faraco & Cia	1956	1.200
Total		10.200

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 5 - Média Indústria , ano de instalação, quantidade de calçado produzido por dia em cada estabelecimento.

Indústrias	Ano de Instalação	Produção diária (em mil pares)
Calçados Sammia	1989	500
Daleph	1973	900
Ind. de Calçados Glalfer	1995	600
Ind. de Calçados Kerolyn	1987	1.100
Leslei M.	1990	900
Luiz C. Calegari	1991	700
Mariota	1986	2.500
Reminy	1996	1.800
Total		9000

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 6- Pequena Indústria , ano de instalação, quantidade de calçado produzido por dia em cada estabelecimento

Indústrias	Ano de Instalação	Produção diária
Calçados Casemir	1989	150
Calçados Charlo	1989	100
Calçados Cruzera	1990	180
Calçados Di Bettoni	1985	800
Calçados Levita	1992	200
Calçados Liriane	1993	500
Calçados Naturale	1990	700
Calçados Viafax	1996	120
Celson E. C. de Almeida	1994	200
Di Capri	1995	80
Due Fratelli	1994	300
Furlanete	1986	1000
Hely Bianchi	1994	700
Ind Calçados Ella	1985	1000
Ind Calçados Helena Kill	1995	200
Ind Calçados Martins	1965	800
Ind Calçados Oro	1992	200
Ind Com Calçados JR	1985	400
Irmãos César	1985	70
Jacomine & Mosqueta	1987	300
Jossepim & Massaroto	1989	500
Luciane Borin Mussi	1995	150
Maristela	1987	500
Micaela Calçados	1995	250
Ovidio Marostica	1993	60
Paschoalini	1992	800
R.B.C.	1988	100
Sevilla	1968	400
Terra Boa	1994	450
Valéria	1979	200
Total		11410

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Observa-se que se formou uma rede de pequenas empresas, produzindo uma única mercadoria. Faz-se mister salientar que as condições produtivas que permeiam o dia a dia dos empresários calçadistas de Jaú é a seguinte: eles vivem numa “crise”, definida por eles como a crise da sazonalidade, e aprenderam a lutar contra as dificuldades para continuarem a produzir. Isto é, lutam para criar condi-

ções de competitividade, a fim de formar uma estrutura sólida na produção do calçado feminino.

Análise do espaço jauense: A distribuição das empresas de calçados

As indústrias calçadistas de Jaú encontram-se espalhadas pelo espaço do município, sendo que as maiores procuram localizar-se próximo à Rodovia Engenheiro Paulo Nilo Romano, para facilitar o deslocamento da produção. Os pequenos e médios estabelecimentos encontram-se dispersos por todo o Pólo, muitas vezes em “total invisibilidade espacial” (Mendes, 1997), ocupando fundos de quintais, garagens e cômodos das residências de seus proprietários.

A “invisibilidade espacial” das bancas de pesponto e de algumas empresas de calçados é aparente. Ocupam um espaço, porém não constam em cadastros do sindicato patronal ou dos sapateiros, e muito menos da Prefeitura. As demais indústrias encontram-se espalhadas de forma irregular pelo espaço. Algumas situam-se no centro da cidade, todavia seus proprietários estão buscando o deslocamento para outros locais mais distantes que ofereçam algumas vantagens locais, como por exemplo a proximidade das rodovias e dos bairros operários. Os empresários jauenses buscam uma política de melhoria do setor e gostariam de encontrar maiores facilidades para a ampliação de seus estabelecimentos, ou mesmo para a aquisição de terrenos.

A Prefeitura Municipal, tentando induzir o crescimento dessas áreas adjacentes da cidade e buscando a retirada dessas empresas que se encontram no centro da cidade, doou terrenos no distrito industrial para alguns empresários. Porém, devido à sazonalidade do setor, muitos não aceitaram por não apresentarem condições para construir um estabelecimento nessa localidade.

O conjunto residencial Pedro Ometto foi criado inicialmente para ser habitado apenas por sapateiros, através de um convênio entre governo municipal, sindicato patronal e Caixa Econômica Estadual. Este fato demonstra que as indústrias de calçados vêm modificando o espaço jauense, induzindo o crescimento de algumas áreas, bem como atraindo novos sapateiros para o município.

O trabalho de campo registrou, desta forma, que houve mudanças significativas no espaço, produzidas pelas empresas e pelos atores envolvidos no processo de fabricação do calçado, criando um clima de “convivência industrial”, no pólo monoindustrial de Jaú.

Os Fatores Locacionais

Pela pesquisa realizada junto aos empresários e dirigentes industriais, constatou-se também que os principais fatores elencados, justificando a localização de suas fábricas, foram os seguintes: a mão-de-obra especializada, ser um pólo-calçadista, ser o local de origem do empresário (tabelas 7,8 e 9). Estes fatores revelam a importância da estrutura que existe em Jaú e que facilita a criação e a implantação de novas fábricas de calçado.

Tabela 7 - Fatores da localização das grandes indústrias de calçados em Jaú SP.

Indústrias	Pólo Calçadista	Local de origem dos empresários	Mão de obra	Situação Geográfica	Mercado Consumidor	Matérias Primas	Proximidade a fornecedores
C. Los Angeles		X					
Claudina	X	X					
Ferrucci		X					
Ind. C Daviana	X	X					
Ind.C. J. Carrara	X	X					X
Ind. C. Melozo				X			
Jarbas Faraco	X		X				
Total	4	5	1	1	—	—	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 8 - Fatores da localização das médias indústrias de calçado em Jaú.

Indústrias	Pólo Calçadista	Local de origem dos empresários	Mão de obra	Situação Geográfica	Mercado Consumidor	Matérias Primas	Proximidade a fornecedores
Calçados Sammia	X						
Daleph			X			X	
Ind. De							
Calçados Glalfer				X			
Ind. De							
Calçados Kerolyn	X		X				
Leslei M.	X		X				
Luiz C. Calegari	X		X				
Mariota	X		X				
Reminy	X	X					
Total	6	1	5	1	—	1	—

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 9 - Fatores da localização das pequenas indústrias de calçados em Jaú.

Indústrias	Pólo Calçadista	Local de origem dos empresários	Mão de obra	Situação Geográfica	Mercado Consumidor	Matérias Primas	Proximidade a fornecedores
Calçados Casemir			X				X
Calçados Charlo		X	X			X	
Calçados Cruzera	X	X					
Calçado Di Bettoni	X	X					
Calçados Levita			X				X
Calçados Liriane		X	X		X		
Calçados Naturale		X	X				
Calçados Viafax			X				
Celson E. C. Almeida		X	X				
Di Capri	X		X	X	X	X	
Due Fratelli			X				
Furlanete	X		X		X		
Hely Bianchi	X		X				
Ind Calçados Ella		X	X				
Ind C. Helena Kill			X				
Ind C. Martins		X	X				
Ind Calçados Oro	X						
Ind Com C. JR	X						
Irmãos César			X			X	
Jacomine & Mosqueta	X		X				X
Jossepim & Massaroto		X	X				
Luciane B. Mussi				X			
Maristela		X		X			
Mícaela Calçados	X						
Ovidio Marostica			X			X	
Paschoalini	X	X		X			
R.B.C.	X						
Sevilla		X					
Terra Boa			X	X			
Valéria	X	X					
Total	12	13	19	5	3	4	3

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

A boa qualidade da mão-de-obra proporcionaram o desenvolvimento de um “ambiente industrial” adequado para produzir calçados, incluindo nessa estrutura as “fabriquetas” de fundo de quintal.

Nota-se a presença de uma rede de empresas interligadas, convivendo mutuamente num processo de competição pela venda de calçados. Estes normalmente são fabricados de forma similar e até mesmo idênticos, pois o *designer* é na maioria

das vezes parecido, em função das tendências da moda. As tabelas 10, 11 e 12 demonstram, de acordo com a opinião dos empresários e dirigentes industriais pesquisados, as vantagens locacionais do Pólo.

Tabela 10 - Principais Vantagens Locacionais das grandes indústrias de calçados de Jaú

Indústrias	Por ser um Pólo Calçadista	Boa localização geográfica	Mão de Obra especializada	União dos empresários	Trocas de informações sobre o processo produtivo	Matérias Primas	Qualidade de vida de Jaú (poucos problemas sociais)	Atraí Lojistas (comprador)
Calçados Los Angeles	X							
Claudina	X						X	
Ferrucci	X							
Ind. Calçados Daviana	X							
Ind. Calçados J. Carrara			X					X
Ind. Calçados Melozo		X						
Jarbas Faraco & Cia			X					
Total	4	1	2	—	—	—	1	—

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998. - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 11 - Principais Vantagens Locacionais das médias indústrias de calçados de Jaú.

Indústrias	Por ser um Pólo Calçadista	Boa localização geográfica	Mão de Obra especializada	União dos empresários	Trocas de informações sobre o processo produtivo	Matérias Primas	Qualidade de vida de Jaú (poucos problemas sociais)	Atraí Lojistas (comprador)
Calçados Sammia	X							X
Daleph	X							X
Ind. De Calçados Glalfer			X					
Ind. De Calçados Kerolyn						X		
Leslei M.	X		X					X
Luiz C. Calegari			X					
Mariota								X
Reminy	X							
Total	4	—	3	—	—	1	—	4

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998. - Organizada por A.M.R.O.

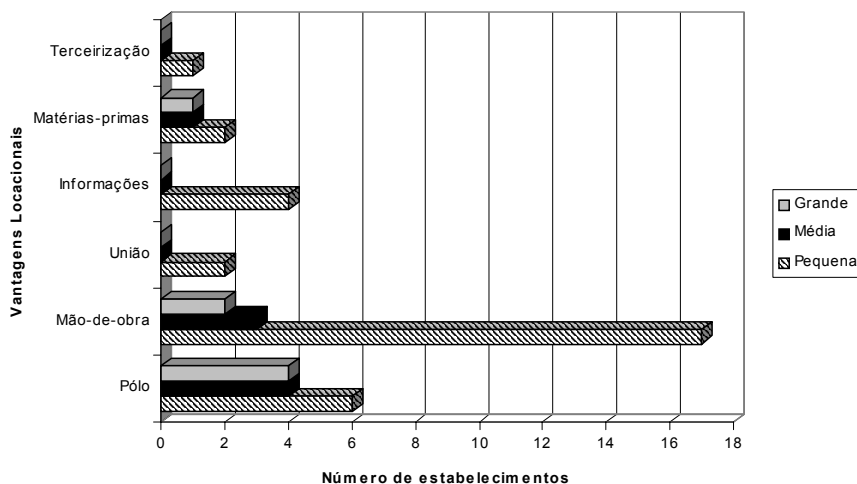
Tabela 12 -Principais Vantagens Locacionais das pequenas indústrias de calçados de Jaú

Indústrias	Por ser um Pólo Calçadista	Boa localização geográfica	Mão de Obra especializada	União dos empresários	Trocas de informações sobre o processo produtivo	Matérias Primas	Qualidade de vida de Jaú (poucos problemas sociais)	Atraí Lojistas (comprador)
Calçados Casemir							X	
Calçados Charlo								X
Calçados Cruzera		X						
Calç. Di Bettoni	X		X			X		
Calçados Levita	X		X					
Calçados Liriane								X
Calçados Naturale	X							
Calçados Viafax			X		X			X
Celson E. C. de Almeida	X		X					
Di Capri								X
Due Fratelli			X					
Furlanete								X
Hely Bianchi	X		X					
Ind Calçados Ella					X			
Ind C. Helena Kill			X					
Ind C. Martins			X		X			
Ind Calçados Oro			X					
Ind Com . C. JR			X	X				
Irmãos César				X	X			
Jacomine & M.			X					
Jossepim & M.			X					
Luciane B. Mussi			X					
Maristela			X					
Micaela Calçados			X			X		
Ovidio Marostica			X					
Paschoalini		X						
R.B.C.		X						
Sevilla								X
Terra Boa								X
Valéria	X							
Total	6	3	17	2	4	2	1	7

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Os fatores citados determinam a importância da presença de várias indústrias de um mesmo ramo, que ao longo dos anos fizeram o nome de Jaú, atraindo compradores e fornecendo condições para a produção de calçado.(gráfico 2).

Gráfico 2 - Principais vantagens locais das indústrias de calçados de Jaú



Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Dentro os fatores clássicos de localização, a mão-de-obra funciona como vantagem aglomerativa, agindo como benefício para o desenvolvimento do pólo jauense, já que a mão-de-obra é qualificada apenas para: costurar, pregar, colar, cortar, montar o calçado, sendo esta a exigência dos empresários locais a seus operários. Entretanto, o parque industrial de Jaú é arcaico com uma mão-de-obra despreparada para os modernos processos produtivos, o que dificulta a concorrência internacional dessas indústrias.

Observa-se que as técnicas e a organização da produção, em Jaú, se articulam tendo em vista a produção e o consumo em massa, ou seja, as relações que aí ocorrem são características de um modelo típico de produção fordista. A queda da produção só ocorre nos períodos de retração do setor, imposta pela própria sazonalidade que caracteriza a produção de calçado.

Nas tabelas 13, 14 e 15 identificam-se, segundo os empresários e dirigentes industriais, as principais desvantagens locais deste pólo, entre as quais destacam-se: a falta de incentivos municipais, o alto custo da mão-de-obra, a necessidade de se buscar matéria-prima em outros locais, principalmente no Rio Grande do Sul, e a falta de tecnologia citada pelos peque

Tabela 13- Principais Desvantagens Locacionais das grandes indústrias de calçados de Jaú

Indústrias	Falta de incentivos municipais	Não existe desvantagem	Custo da mão de obra	Poucos fornecedores localizados em Jaú	Difícil acesso, dificultando o escoamento	Falta de treinamento da mão de obra	Falta de tecnologia	Distância da matéria prima
Calçados Los Angeles		X						
Claudina								X
Ferrucci		X						
Ind. Calçados Daviana				X				X
Ind. Calçados J. Carrara		X						
Ind. Calçados Melozo					X			
Jarbas Faraco & Cia		X						
Total	—	4	—	1	1	—	—	2

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 14 - Principais Desvantagens Locacionais das médias indústrias de calçados de Jaú

Indústrias	Falta de incentivos municipais	Não existe desvantagem	Custo da mão de obra	Poucos fornecedores localizados em Jaú	Difícil acesso, dificultando o escoamento	Falta de treinamento da mão de obra	Distância da matéria prima	Falta de tecnologia prima
Calçados Sammia					X			
Daleph		X						
Ind. de C. Glaffer		X						
Ind. de C. Kerolyn			X					
Leslei M. Luiz C. Calegari						X		
Mariota Reminy		X				X		X
Total	—	3	1	—	1	2	—	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 15 - Principais Desvantagens Locacionais das pequenas indústrias de calçados de Jaú.

Indústrias	Falta de incentivos municipais	Não existe desvantagem	Custo da mão de obra	Poucos fornecedores localizados em Jaú	Difícil acesso, dificultando o escoamento	A fama do calçado jauense	Concentração de empresas	Distância da matéria prima
Calçados Casemir		X						
Calçados Charlo			X					
Calçados Cruzera		X						
Calçad. Di Bettoni	X			X				
Calçados Levita						X		
Calçados Liriane							X	
Calçados Naturale		X						
Calçados Viafax		X						
C. E. C. Almeida	X							
Di Capri		X						
Due Fratelli								X
Furlanete		X						
Hely Bianchi	X							
Ind Calçados Ella		X						
Ind C. Helena Kill		X						
Ind. C. Martins							X	X
Ind Calçados Oro			X					
Ind Com C. JR		X						
Irmãos César								X
Jacomine & M. Jossepim & M. Luciane B.		X					X	
Mussi	X							
Maristela		X						
Micaela Calçados		X						
Ovidio Marostica		X						
Paschoalini		X						
R. B. C. Sevilla				X				
Terra Boa				X				
Valéria					X			
Total	4	15	2	3	1	1	3	3

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Apesar de não existir uma política industrial municipal, os empresários enfatizam que aprenderam a lutar pelas condições produtivas aproveitando ao máximo as vantagens do espaço jauense, sem depender das vantagens que o poder público poderia oferecer, para incentivar o desenvolvimento do setor.

Além disso, Jaú não se beneficia do processo de desconcentração industrial da Grande São Paulo, que abrange as rodovias Anhanguera, Bandeirantes, Washington Luíz e Castelo Branco, já que fica distante dos grandes eixos industriais. Porém, as condições que as próprias indústrias, ao longo do tempo, introduziram para solucionar as dificuldades produtivas compensam a falta de capital estrangeiro ou mesmo nacional, nessas empresas. O capital local privado financiou toda a estrutura e criou um pólo singular, que produz 98% de calçado feminino dentro de uma rede própria de pequenas e médias empresas.

A estrutura produtiva do Pólo Calçadista de Jaú

As pequenas, médias e grandes empresas possuem características iferentes quanto ao processo produtivo. As grandes e as médias produzem em série, em estabelecimentos com bastante espaço físico, onde a produção é dividida em etapas.

A maioria das empresas pequenas ocupam pequenos espaços, e a produção é tipicamente artesanal, com o uso de poucas máquinas.

Matérias-primas

As matérias-primas utilizadas na produção do calçado feminino de Jaú são, na maioria, provenientes de outras localidades, apesar de existirem dois curtumes com capacidade para fornecer couro para todas as indústrias. O curtume Bernardi, o mais antigo da cidade, surgiu em 1943 e fornecia o couro para as primeiras fábricas produzirem os primeiros pares de calçados. O outro curtume de Jaú é o Rossante, que surgiu na década de 80. Apesar disso, os próprios empresários e dirigentes industriais preferem comprar couro de vários curtumes para que suas opções não fiquem restritas. (tabelas 16, 17 e 18).

As tabelas abaixo mostram que 62,22% dos empresários entrevistados compram apenas uma pequena parte das matérias-primas em Jaú, destacando-se como principais fornecedores os estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Piauí, Minas

Gerais e Santa Catarina. As principais localidades que fornecem matérias-primas são: Novo Hamburgo (RS), Franca (SP) e Birigui (SP), que são outros pólos calçadistas. Merecem destaque ainda os municípios de Mogi Mirim, Bocaina, Bauru e Ribeirão Preto, no estado de São Paulo.

Tabela 16- A procedência da Matéria-Prima utilizada na fabricação do calçado, no Pólo Calçadista de Jaú, nas médias indústrias

Indústrias	Compra apenas em Jaú	Compra a maior parcela em Jaú	Compra apenas uma pequena parcela em Jaú	Não compra em Jaú
Calçados Los Angeles			X	
Claudina			X	
Ferrucci				X
Ind. Calçados Daviana			X	
Ind Calçados J. Carrara			X	
Ind Calçados Melozo		X		
Jarbas Faraco			X	
Total	—	1	5	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 17 - A procedência da Matéria-Prima utilizada na fabricação do calçado, no Pólo Calçadista de Jaú, nas grandes indústrias

Indústrias	Compra apenas em Jaú	Compra a maior parcela em Jaú	Compra apenas uma pequena parcela em Jaú	Não compra em Jaú
Calçados Sammia			X	
Daleph Calçados			X	
Indústria de Calçados Glalfer			X	
Indústria de Calçados Kerolyn		X		
Leslei M.			X	
Luiz C. Calegari		X		
Mariota			X	
Reminy				X
Total	—	2	5	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 18- A procedência da Matéria-Prima utilizada na fabricação do calçado, no Pólo Calçadista de Jaú, nas pequenas indústrias

Indústrias	Compra apenas em Jaú	Compra a maior parcela em Jaú	Compra apenas uma pequena parcela em Jaú	Não compra em Jaú
Calçados Casemir				
Calçados Charlo			X	
Calçados Cruzera			X	
Calçados Di Bettoni			X	
Calçados Levita			X	
Calçados Liriane			X	
Calçados Naturale		X		
Calçados Viafax		X		
Celson E. C. de Almeida			X	
Di Capri	X			
Due Fratelli			X	
Furlanete	X			
Hely Bianchi			X	
Ind Calçados Ella			X	
Ind Calçados Helena Kill		X		
Ind Calçados Martins			X	
Ind Calçados Oro			X	
Ind Com Calçados JR			X	
Irmãos César			X	
Jacomine & Mosqueta			X	
Jossepim & Massaroto				X
Luciane Borin Mussi			X	
Maristela	X			
Micaela Calçados			X	
Ovidio Marostica		X		
Paschoalini				X
R. B. C.			X	
Sevilla			X	
Terra Boa				X
Valéria	X			
Total	4	4	18	3

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998.- Organizada por A.M.R.O.

Na pesquisa direta, 8,88% dos empresários e/ou dirigentes empresariais afirmaram que não compram nenhuma matéria-prima em Jaú, buscando-as basicamente da região Sul e em Franca, SP. Observa-se então que esta é uma estratégia de mercado para diferenciar o calçado, já que muitos conseguem produzir calçados utilizando as matérias-primas locais.

Na produção final de um calçado, o couro representa 25% do seu custo, contando somente o cabedal do calçado (sua parte de cima). Portanto, o couro tem grande importância no dia-a-dia de uma fábrica de calçado.

Além do couro, utilizam-se outras matérias-primas como: linha, sola, cola, salto, palmilha, forro de polietileno, adesivos, caixas, fivelas, enfeites em couro. Apesar de todas elas serem encontradas em Jaú, os empresários dão preferência a matérias-primas compradas em outros municípios e Estados (tabelas 16, 17 e 18), buscando novas opções de qualidade e também a diferenciação do calçado produzido.

As empresas que vendem matérias-primas para as fábricas de Jaú montaram escritórios de representação no município, facilitando a compra das mesmas, bem como aumentando as opções de preço e qualidade para os produtores de calçado. Segundo os empresários e/ou dirigentes industriais pesquisados, a demanda da produção de Jaú não permite que grandes produtores de matérias-primas instalem filiais ou fábricas em Jaú. Com isto, estes estão em outros pólos calçadistas como o Vale dos Sinos (RS) e Franca (SP), mas se fazem representar na cidade através de seus escritórios. Deste modo, forma-se uma cadeia produtiva complexa que envolve outros Estados e vários setores em torno do calçado feminino do Pólo Calçadista de Jaú.

O fornecimento de matéria-prima é fundamental para a produção do calçado e é feito exclusivamente por transporte rodoviário, porém a proximidade com o terminal intermodal de Pederneras unindo Rodovia, Ferrovia e Hidrovia, poderá representar no futuro uma possibilidade de redução no frete, bem como uma opção maior tanto no recebimento das matérias-primas como na venda do calçado.

A produção do calçado é muito simples quando comparada a outros setores, e mesmo o custo para se implantar uma “fabriqueta” é muito pequeno. No entanto, este

processo relativamente simples de produção do calçado, apresenta certas complicações no que tange à qualidade da matéria-prima utilizada, em especial, o couro. O couro pode apresentar várias modificações devido ao sexo, raça, idade, etc, do animal utilizado, bem como modificar a estética e a durabilidade do calçado. (Canoas, 1993).

A indústria de transformação de couro (curtumes) utiliza basicamente dois tipos de espécies animais, quais sejam, os domésticos (vacum, caprinos, eqüinos e suínos) e os selvagens (antílopes). São utilizados também répteis como jacaré e cobra para a confecção do calçado. (Canoas, 1993).

Segundo o Jornal Comércio do Jahu (1995: 26), o couro brasileiro apresenta: ***“arranhão de cerca, berne, carrapato e marca de fogo. Estes são alguns problemas que o couro brasileiro apresenta, por causa dos maus tratos dados pelos pecuaristas do País. São cercas de arame farpado e irresponsabilidade em relação às vacinas, as causas principais destes problemas. Mas a Associação Brasileira dos Técnicos em Curtume já vem trabalhando para melhorar a qualidade***

de nosso couro. Esta conscientização já começou a ser feita junto aos produtores do Mato Grosso do Sul, valorizando o couro do novilho precoce. Quanto mais precoce, menores os problemas no couro. O couro uruguaio e argentino são de melhor qualidade, porém suplantado pelo couro Europeu. Isto porque o gado é criado em pasto sem cerca de arame farpado, o cuidado com sua saúde é prioritário e o animal é abatido precocemente. Para se ter uma idéia, nestes países o animal é abatido com um ano de idade e no Brasil, quatro anos. Neste tempo todo, o gado já está com o couro muito comprometido.”

Em Jaú, verifica-se a utilização do couro sintético em várias fábricas, o qual pode baratear ou encarecer o calçado dependendo de sua procedência. O sintético de qualidade mais fina é importado de Portugal. Todavia, como o tamanho das fábricas não permite a importação de uma quantidade muito grande, os empresários jauenses compram este couro dos produtores do Vale dos Sinos (RS).

Os principais produtos produzidos em Jaú são:

- o calçado mocassim (fechado), para o inverno;
- as sandálias, para o verão
- algumas fábricas produzem bolsas de couro, com a marca do calçado, para se atender às tendências da moda do verão e do inverno;
- existem ainda os calçados de meia estação outono e primavera, representados pelas sandálias e mocassins.

Estes produtos saem todos de uma rede de pequenas empresas, que formam o pólo característico e singular de Jaú, diferente de todos os outros pólos calçadistas do Brasil - uma rede de participação, desenvolvendo alternativas locais, para a produção de calçados. Esta rede permite a interligação de fornecedores e produtores em Jaú, criando uma cadeia produtiva que depende diretamente da participação de outros estados e municípios do estado de São Paulo para viabilizar a produção de calçado e principalmente para gerar diferenças no produto final do pólo monoindustrial de Jaú. Essas diferenças básicas do calçado jauense encontram-se exatamente no tipo de matéria-prima utilizada por cada pequena fabriqueta ou pelas grandes empresas de Jaú.

No contexto das novas relações econômicas, globalizadas, a nova ordem mundial preconiza que se deve alterar o produto e adequá-lo a uma realidade e desejo do consumidor. Em Jaú encontramos essa preocupação. As indústrias querem moldar os calçados conforme os gostos e interesses dos consumidores, tendência esta que perpassa o cotidiano dos produtores de calçados.

São portanto preocupações semelhantes que se reproduzem de formas diferentes nos espaços locais.

O papel da economia informal

A globalização proporcionou ao Capital instalar-se onde as condições presentes ou perspectivas de mercado lhe fossem favoráveis. Todavia, alterou o cotidiano de milhares de trabalhadores, na medida em que a tecnologia fechou postos de trabalho e a flexibilidade produtiva retirou os operários de dentro das fábricas, criando um grande exército de reserva e principalmente de excluídos. É importante destacar que estas condições estão presentes já há bastante tempo no Brasil, não sendo uma inovação e sim uma reação dos trabalhadores contra o desemprego. Estes buscam agora retornar ao mercado de trabalho ou simplesmente ter uma nova chance de trabalhar, porém os empregos não pertencem mais totalmente à economia formal. Os encargos sociais desaparecem, o governo deixa de arrecadar e os cidadãos perdem cada vez mais seus poucos direitos adquiridos. Cria-se a sociedade da “ocupação”, mas não do trabalho formal. A informalidade aparece como única esperança para muitos, a cada dia.

Para Santos (1994), o território se torna cada vez mais vasto, com a revolução técnico-científica, modificando a história e transformando as novas relações do cotidiano. A revolução técnico-científica tem profundas repercussões na prática econômica, e nos comportamentos sociais e políticos, constituindo uma base nova para o entendimento do processo de regionalização.

Segundo Offe (1988: 118), ***“não existe mais a possibilidade de instalar o pleno emprego, a alternativa seria uma política para a superação do “desequilíbrio” entre oferta e demanda no mercado de trabalho, a exclusão do excesso de oferta. Os grupos de trabalhadores a serem excluídos do mercado de trabalho, ou para terem uma redução “flexível” da jornada de trabalho remunerada são, pela ordem, os imigrantes, as mulheres (principalmente as casadas), os trabalhadores mais velhos e, por último, os jovens.”***

Por trás da proposta realista, de que o estágio atual de desenvolvimento em que se encontram as sociedades capitalistas corresponde a uma fase de transição para uma sociedade “pós-industrial” ou “pós-capitalista” a proposta política de exclusão da força de trabalho, tornada abundante, nada mais é do que uma solução ou um paliativo correspondente a este interregno. (Offe, 1988).

A preocupação sobre como essa parcela excluída do mercado de trabalho em todos os “pedaços” do espaço global continuaria sobrevivendo, econômica e socialmente, torna-se uma bandeira da política neoliberal, levando-nos a ver que a saída seria deixar o problema se resolver sozinho, ou seja, que as pessoas excluídas do mercado de trabalho encontrassem formas alternativas de subsistência, como a economia informal. No Brasil, grande parte da população ativa já pertencia por exemplo à economia informal muito antes desta relação se tornar importante

no mundo. Agora esta parcela da população presente na economia informal tende a crescer cada vez mais rapidamente, nesta nova fase do capitalismo.

Em Jaú a informalidade é muito importante e influi diretamente na redução dos custos produtivos das empresas produtoras de calçados. No espaço urbano jauense praticamente todos os dias, segundo os empresários e dirigentes industriais entrevistados, surge uma nova banca de pesponto, com poucos funcionários, normalmente pessoas da própria família, que precisam continuar a sobreviver.

Conforme as tabelas 19, 20 e 21, observa-se que a proliferação da economia informal na prestação de serviço tem contribuído, segundo os empresários e dirigentes industriais das médias e pequenas empresas, para reduzir o custo produtivo do calçado. O setor que mais cresce é o pesponto, pelo baixo custo de instalação das bancas.

Tabela 19 - A participação da Economia Informal (banca de pesponto) na redução do preço do calçado, nas grandes indústrias de Jaú.

Indústrias	Reduziu	%	Não Reduziu	%	Não respondeu	%	Não subcontrata
Calçados							
Los Angeles							X
Claudina			X				
Ferrucci					X		
Ind. Calçados Daviana			X				
Ind Calçados J. Carrara			X				
Ind Calçados Melozo			X				
Jarbas Faraco			X				
Total			4	72%	1	15%	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O.

Tabela 20- A participação da Economia Informal (banca de pesponto) na redução do preço do calçado, nas médias indústrias de Jaú.

Indústrias	Reduziu	%	Não Reduziu	%	Não respondeu	%	Não subcontrata
Calçados Sammia							X
Daleph	X						
Ind. de							
Calçados Glalfer							X
Ind. de Calçados							
Kerolyn	X						
Leslei M.	X						
Luiz C. Calegari			X				
Mariota	X						
Reminy	X						
Total	5	62,5	1	12,5	—	—	2

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada pelo autor.

Tabela 21- A participação da Economia Informal (banca de pesponto) na redução do preço do calçado, nas pequenas indústrias de Jaú.

Indústrias	Reduziu	%	Não Reduziu	%	Não respondeu	%	Não subcontrata
Calçados Casemir							X
Calçados Charlo					X		
Calçados Cruzera	X						
C. Di Bettoni					X		
Calçados Levita					X		
Calçados Liriane			X				
Calçados Naturale					X		
Calçados Viafax	X						
Celson E. C. de Almeida	X						
Di Capri			X				
Due Fratelli			X				
Furlanete					X		
Hely Bianchi			X				
Ind Calçados Ella			X				
Ind C. Helena Kill					X		
Ind C. Martins	X						
Ind Calçados Oro	X						
Ind Com C. JR			X				
Irmãos César							X
Jacomine & M.	X						
Jossepin & M.			X				
Luciane B. Mussi			X				
Maristela	X						
Micaela Calçados			X				
Ovidio Marostica	X						
Paschoalini			X				
R.B.C.			X				
Sevilla	X						
Terra Boa	X						
Valéria	X						
Total	11	36,66	11	36,66	6	20%	2

Fonte: Pesquisa Direta, 1997/1998 - Organizada por A.M.R.O

A realidade da atividade do pesponto e sua proliferação nos pólos calçadistas, na última década, deve-se a dois fatores, atrelados à retração da economia e à nova divisão do trabalho dentro da fábrica, através do modelo flexível. Outro fator que leva os funcionários a deixarem as fábricas e abrirem suas próprias bancas de pesponto é a possibilidade de ganhos maiores do que emprego convencional.

Os pespontadores possuem uma relação com o empresário (dono da indústria calçadista), que é baseada em um contrato de serviço, nos períodos do ano em que há serviço, ou seja, relação de contratado e contratador, fato que evidencia uma subcontratação.

A mão-de-obra da indústria façoneira é constituída predominantemente por mulheres. As jornadas de trabalho desta atividade variam muito e dependem do período do ano, pois a empresa contratadora sempre vai exigir o cumprimento de prazos na prestação de serviço. Desta forma, quando se acumulam as encomendas, ou quando é repassado mais calçado para a indústria contratada, aumentam as jornadas de trabalho, com horas extras.

O pólo-calçadista de Jaú concentra uma grande quantidade de indústrias proporcionando uma grande rede de subcontratação ou de relações industriais. Hoje calcula-se que existam na zona urbana, segundo dados obtidos junto ao sindicato dos trabalhadores de calçado em 1999, 30 pequenas indústrias, que empregam aproximadamente 600 pessoas com carteira assinada e de forma regular. Além disso existem aproximadamente 300 pequenas bancas de pesponto em fundo de quintal, ou mesmo em alguns cômodos da casa, desenvolvendo esta atividade sem registrar seus operários e empregando aproximadamente 3.000 operários que trabalham na clandestinidade. Esses dados mostram que:

- a) o número de operários de dentro das fábricas é cada vez menor;
- b) cada vez mais as empresas buscam subcontratar o serviço de terceiros, principalmente para deixar de pagar encargos sociais;
- c) a necessidade de um espaço é cada vez menor para montar uma fábrica, já que estas passam a ser apenas montadoras;
- d) ocorre a proliferação cada vez maior na oferta de novas bancas, devido ao aumento do desemprego;

Nota-se uma preocupação do sindicato dos trabalhadores de calçados com a situação das bancas clandestinas e de seus operários. Desta forma, segundo os sindicalistas, o sindicato vem catalogando as bancas de pesponto para conjuntamente com os proprietários destas, os empregados das bancas e as empresas calçadistas criarem uma situação de diálogo, objetivando uma melhoria nas condições de trabalho neste setor da economia informal.

A prestação de serviços aumentou a partir de 1990, com o início do plano Collor e vem intensificando-se com o plano Real, já que os processos de subcontratação estão atrelados a uma dinâmica do próprio capitalismo.

Nesse processo, a indústria de calçado jauense simplesmente contrata um prestador de serviço, que fica encumbido da contratação dos funcionários, bem como do treinamento destes. Em relação à matéria-prima, a indústria fornece cola e linha, e em alguns casos agulha para a costura. Existem ainda algumas indústrias que não oferecem a matéria-prima para as bancas de pesponto.

Além da indústria não oferecer toda a matéria-prima para o pesponto, quando oferece também cobra pelos possíveis erros no processo de fabricação. Desta

forma, o dono da banca exige uma produção perfeita de seus funcionários para que ele não tenha que tirar de seu lucro, o pagamento de um pesponto mal feito.

As bancas de pesponto produzem durante a maior parte do ano. Todavia, a quantidade dos calçados pespontados varia, pois dependendo da sazonalidade do setor a produção é maior ou menor. Apenas de 20 de dezembro a 10 de janeiro, quando a fábrica de calçado oferece férias coletivas para seus funcionários, é que as bancas ficam sem serviço.

Os proprietários mais antigos de bancas de pesponto têm em média dez anos no mercado, pois diferentemente de outros pólos calçadistas, em Jaú, conforme já analisado, a proliferação só ocorreu após o plano Collor. Atualmente, com o processo acelerado de desemprego, o surgimento de novas bancas vem aumentando e repercutindo de forma negativa para aqueles que já possuem bancas, visto que o preço do calçado pespontado vem caindo gradativamente.

Ainda assim, observa-se em Jaú, que os pequenos proprietários de bancas fazem o transporte do calçado pespontado em veículos próprios, o que evidencia que estes estão tendo um ganho maior do que quando eram empregados das fábricas.

Os próprios proprietários das bancas reconhecem que hoje eles possuem um padrão de vida melhor, porém reconhecem também a maior responsabilidade que eles assumiram, pois passaram de empregados a proprietários e, mesmo não possuindo empregados registrados, na maioria dos casos têm que arcar com os salários de seus funcionários. Este fato faz com que estes pequenos proprietários trabalhem muito mais em suas bancas, chegando até a 14 horas de jornada diária nos períodos de pico da produção do calçado, acumulando o serviço de administração com o serviço de produção.

Nota-se também que todos os trabalhadores do pesponto estão ligados à produção, mesmo os pequenos proprietários das bancas que se dedicam integralmente à produção, produzindo e controlando a qualidade de todo o sapato pespontado.

Outro aspecto fundamental desta atividade é que a mão-de-obra masculina se dedica basicamente à colagem do calçado, ficando o tempo todo exposta ao cheiro da cola. O funcionamento das empresas de pesponto ocorre, de maneira geral, de forma precária, devido aos locais de instalação, que muitas vezes não oferecem nem banheiro para seus funcionários.

A realidade das bancas demonstra que a informalidade, ao mesmo tempo que oferece “ocupações” que alguns chamam de empregos, para uma grande parte de ex-sapateiros, demonstra também que as condições de funcionamento são precárias tanto nos estabelecimentos (pequenos, apertados, muitas vezes sem banhei-

ro, com pouca higiene), como na relação de exploração da força de trabalho, pois muitos trabalham de 10 a 12 horas diárias nos períodos de pico de produção para entregarem o calçado pespontado. A informalidade amplia as desigualdades, pois as poucas conquistas trabalhistas são esquecidas em prol de uma renda, que em vários casos não é suficiente nem para comer.

O nível de escolaridade dos donos de bancas de pesponto de Jaú revela uma situação diferente da encontrada no município de Franca. Em Jaú quase todos terminaram o segundo grau, já em Franca a pesquisa feita por Rinaldi (1987) mostra que grande parte dos pequenos proprietários haviam terminado apenas o primeiro grau.

Pode-se verificar também que todos os pequenos donos de bancas, desde aqueles que estão legalizados até os que estão na clandestinidade, apresentam quase as mesmas sugestões, para melhorar a atividade entre eles e o empresário, quais sejam:

- o empresário deveria pagar toda a matéria-prima;
- melhorar o preço do calçado pespontado, para que o dono da banca pudesse ter mais capital de giro;
- ter reuniões entre o empresário e os pespontadores para discutir a melhoria do setor;
- que o empresário contribuísse para que as bancas clandestinas se regularizassem;
- determinar o número de pares de sapatos a ser pespontado em todos os meses, ou seja, garantir um mínimo, e nos períodos de grande produção aumentar este número.

As bancas de economia informal apresentam condições que variam muito em relação ao tempo de funcionamento, mas todas estão em locais com pouco espaço e sofrem grande interferência da empresa contratadora. Para regularizar esta situação, existem indústrias de calçado, como a Claudine, que só contrata o serviço se todos os funcionários da banca forem registrados, não trabalhando portanto com bancas que pertencem à economia informal. Outras indústrias preferem contratar as bancas de economia informal, para negociar um preço menor no calçado pespontado.

A atividade de pesponto aparece como essencial à realidade do mercado de trabalho atual, porém a maioria aceita as condições impostas pelos empresários que produzem calçados, pois que observando a proliferação das bancas começam a fazer leilões entre os donos das mesmas, ganhando aqueles que pespontam por um preço menor e com uma boa qualidade no serviço.

O pesponto básico para o par de sapato mocassim feminino está variando de noventa centavos a um real e quarenta centavos. Este preço também irá variar dependendo da fábrica que contrata os serviços.

A relação de subcontratação em Jaú pode ser confundida com uma intermediação de mão de obra, pois muitas vezes uma única empresa contrata o serviço de uma banca, com exclusividade. Este fato vem descaracterizar a relação de subcontratação.

Esta flexibilidade das relações de trabalho no município de Jaú vem aparentemente garantindo empregos a vários ex-operários da fábrica, já que em 1989 havia trabalhando nas fábricas, de forma regular, uma média de 12.000 operários e hoje este número se reduziu a apenas 4571 operários, criando um grande déficit no mercado de trabalho e incertezas quanto ao futuro do emprego neste pólo-calçadista.

Um fato interessante a se observar é que das 45 indústrias pesquisadas, apenas 16 afirmaram que a economia informal contribuiu para diminuir o custo de produção do calçado, ou seja, 35,55% dos estabelecimentos pesquisados. Os empresários que afirmaram que a economia informal não contribuiu para a diminuição dos custos, apontaram os seguintes motivos:

- A exigência de boa qualidade no pesponto, leva-os a pagarem um preço maior.
- A necessidade de ter um controle, por isso a maioria dos empresários e dirigentes industriais prefere conhecer os prestadores de serviço, pertencendo tanto à economia formal como informal.
- O mercado informal tende a ficar cada vez maior e faz parte de um processo maior, que surge decorrente de novas políticas, da necessidade de redução de custos das empresas e da conveniência que a informalidade cria para todos os atores econômicos e políticos, ou seja, a informalidade é um mal necessário para o capitalismo, que cada vez mais vem ampliando esta situação.

Nota-se que vem ocorrendo, através destas relações, uma grande transformação nas formas de trabalho e emprego. O trabalho está mudando, e na luta por ele as pessoas são obrigadas a se submeterem a formas precárias de ocupações, que estão em todos os locais, inclusive em Jaú, município que possui mais de 300 bancas pertencentes a economia informal, onde mulheres, homens e crianças trabalham sem nenhum registro, e muitos sem nenhuma garantia trabalhista. Trabalham para comer e sobreviver.

Considerações Finais

O pólo calçadista de Jaú, com suas especificidades e especialidades, não é homogêneo, pois possui características diferentes de outros pólos. Seu crescimento não se deu ao acaso, e sim foi fruto de anos de lutas de vários empresários e empresas, que foram se fortalecendo e conseguindo ampliar parcelas desse mercado competitivo.

Ali os produtores criaram uma intensa cadeia de venda de calçados, adequando-se às exigências dos lojistas, e passaram a produzir calçados específicos, conforme o interesse e a necessidade de cada comprador. Isto denota a presença de uma verdadeira flexibilidade produtiva, que está sendo aperfeiçoada. Com isto, o pólo procura se mostrar aberto a qualquer exigência, demonstrando que está estruturado e pronto para o mercado regional e nacional.

Entender o pólo e suas realidades cotidianas leva, necessariamente, a conhecer a realidade da sazonalidade do setor, que é apontada como a maior dificuldade para todos os produtores, das pequenas, médias ou grandes indústrias, que devem aprender a conviver com esta realidade para continuarem a produzir.

Além da sazonalidade presente no cotidiano desses produtores, a competitividade do setor obriga os produtores a buscarem uma diferenciação e uma melhor qualidade do seu produto. Desta forma, a competição é acirrada e as indústrias, antes de disputarem mercados com outros pólos, disputam entre si. Esta competição garante um produto e um preço melhor, dentro do próprio pólo.

Ainda gerando competitividade, a concorrência deverá levar as indústrias do pólo calçadista jauense a aperfeiçoarem suas relações produtivas, organizacionais e mesmo tecnológicas, pois é através da competição que ocorre uma adequação da fábrica às exigências de mercado, fortalecendo as mesmas. A competição não deve ser apenas pelo mercado regional, mas por um amplo mercado nacional e mesmo internacional.

A competitividade de Jaú e do setor calçadista no Brasil deve ser buscada e instigada com o envolvimento dos atores sociais relevantes da sociedade – empresários, trabalhadores e governo, para quem os principais desafios a serem vencidos juntos são:

- reforma fiscais e financeiras, que promovam o deslanche dos investimentos produtivos;
- investimentos em educação;
- criação de empregos;
- reformulação do papel do Estado; (Mendes, 1997)
- implementação de estratégias setoriais para o setor calçadista.

O Pólo favorece a organização industrial dessas empresas que, neste espaço, encontram vantagens competitivas importantes. Essas vantagens dizem respeito especialmente à integração das indústrias localizadas em Jaú; à presença de instituições voltadas para a formação de nível técnico, como o Senai; à existência de uma rede de subcontratadas; à presença de escritórios de representação que vendem a matéria-prima consumida por este pólo, enfim todo um ambiente industrial criado ao longo de 50 anos, que proporciona a criação e o desenvolvimento das indústrias calçadistas.

Mas a ampliação desta rede criada para fazer o calçado, que envolve muitos atores, empresários, fornecedores, bancas, sapateiros, etc., só ocorrerá com o fortalecimento do mercado consumidor.

Atualmente, o calçado jauense é confeccionado basicamente para ser vendido no Estado de São Paulo. Chegou o momento de ampliar este mercado atingindo novos estados e novos países, principalmente os do mercosul. Para tanto, um grupo de 30 empresários locais está se organizando, e através da tríade “qualidade, preço e moda” irá procurar entrar em mercados mais competitivos. Buscam a criação de uma marca única para uma coleção exclusiva de calçados que vai ser formada por linhas produtivas de todas as empresas envolvidas. Esses produtores estão procurando se adequar às novas exigências do mercado, unindo-se para enfrentar a competição internacional.

A união e a cooperação entre alguns produtores sempre esteve presente neste pólo. Até mesmo no momento de fazer o *designer* do calçado, estes recorrem a uma verdadeira “espionagem industrial”, para posteriormente desenvolverem a moda daquela estação. Na verdade, a cooperação entre os produtores de calçado e as características do local foram os fatores que criaram o pólo jauense. Só existe este pólo porque muitos produtores criaram condições neste espaço. Hoje, com aproximadamente 121 indústrias de calçados, é fundamental a importância de todas estas relações que ocorrem no local, e que são maiores que o poder global, que ainda é pequeno neste local.

O conflito do local/global, que vem ocorrendo intensamente em muitos espaços, em várias cadeias produtivas, ocorre em Jaú. Porém neste espaço específico as características do local são prioritárias, determinando todas as relações produtivas e mesmo tecnológicas.

Jaú reflete à sua maneira tendências mundiais, já que cada espaço local é, à sua forma, uma extensão do mundo. O fato das relações globais não alterarem ou mesmo modificarem na totalidade o cotidiano do pólo calçadista de Jaú mostra que as interferências do local ainda predominam e determinam as relações produtivas.

Mas até quando elas irão predominar? Será que nunca o pólo calçadista de Jaú irá se modernizar e atualizar-se passando a pertencer a uma competição global?

Essas perguntas são complexas, porém apenas o cotidiano desse local é que poderá nos responder. Percebe-se entre os empresários uma preocupação por mudanças. Querem se modernizarem, atualizar, romper barreiras do próprio setor e criar novas relações entre os atores que participam desta produção de calçado. Estão buscando estas alternativas, visando aperfeiçoar as formas produtivas de calçado.

Há um grande interesse na inserção do pólo na competição internacional, na venda de calçados, porém existem empecilhos, como os tecnológicos. Os empresários locais buscam novos caminhos e tendências para entrarem neste mercado competitivo. O caminho não é fácil. O fazer calçado neste espaço local ainda possui características artesanais e os produtores utilizam técnicas peculiares, principalmente, como já foi comentado na produção do *designer*.

O próprio setor não coopera com estes proprietários, já que a sazonalidade traz meses temíveis de pouco calçado a se fazer, de poucos negócios fechados e de salários e outros compromissos a serem pagos. Os primeiros anos são cruéis, todavia os que conseguem sobreviver e não se endividar, conseguem manter-se e estabilizar sua pequena fabriquetta.

As pequenas empresas sofrem muito com a ausência de créditos específicos para o setor, e muitas, não tendo capital de giro para sua manutenção, passam verdadeiros períodos críticos ao longo do ano, resistindo muitas vezes ao inevitável, ou seja, o próprio fechamento. do setor calçadista.

As grandes empresas muitas vezes possuem as mesmas dificuldades, porém as enfrentam com mais tranquilidade, pois a tecnologia empregada, apesar de simples, é mais moderna, permitindo-lhes maior estabilidade.

As expectativas e anseios dessas empresas são diferentes entre si. As grandes empresas e algumas médias empresas do município de Jaú já buscam a modernização. Se esta ainda não veio é uma questão de tempo, pois todos estão procurando se modernizar, construir novos prédios, aperfeiçoar a divisão do trabalho e mesmo ampliar a subcontratação de alguns setores.

O aumento do número de indústrias de calçados de Jaú atingiu um patamar que deverá ser mantido ao longo dos próximos anos, pois não existem muitas expectativas de novos grupos surgirem no mercado, muito menos de grupos grandes que possam cooperar com o desenvolvimento do pólo.

Nota-se que os dados sobre abertura e fechamento das empresas são inconstantes e que muitas empresas fecharam suas portas há muito tempo. Segundo o sindicato patronal, nos anos de 1995 e 1996 havia 220 empresas registradas; sabe-se que hoje existem apenas 121 empresas com as portas abertas e produzindo calçados em Jaú.

O Plano Real trouxe novos tempos e muitos fechamentos de fábricas. O custo fixo mensal dos empresários aumentou e muitas fábricas não resistiram. A pergunta é se elas continuarão a fechar.

A tendência que ficou evidente é da diminuição dos fechamentos. A maioria dos empresários já aprendeu a conviver com o Real e as sucessivas crises econômicas de nosso país.

O setor já é instável, devido à sazonalidade, e o país através de nossas políticas econômicas, também. Com isto, não resta muito o que fazer, senão persistir, compreender a realidade que está por trás desse espaço local e continuar produzindo calçado com racionalidade. Infelizmente, na maioria das vezes o capital não é racional, o que dificulta a manutenção e o aprimoramento desse pólo monoindustrial.

Esses são os problemas: os tecnológicos, a falta de capital de giro, a falta de uma política para o setor, o pouco amadurecimento de alguns empresários e a necessidade de uma nova reestruturação produtiva. A solução está no local, no conhecimento de cada empresário, pois se este pólo superou várias crises apenas com suas características, será o poder local que poderá e deverá inserir este pólo na competição internacional de calçado, ou seja, num mundo global.

Nesta rede é fundamental uma participação de todos os atores envolvidos, desde a produção de matérias-primas, até os produtores de cartonagem ou embalagem para os calçados. A união e a cooperação entre todos fará com que a rede se torne homogênea e que as competições entre os participantes dessa rede sejam encaradas como um processo natural, vindo a cooperar com a amplitude de todo o sistema.

A avaliação dos empresários em relação às políticas governamentais locais é quase uma só, ou seja, não existe uma política municipal e muito menos estadual para o setor, apesar da importância do mesmo para o município, que direta e indiretamente representa o setor que mais emprego cria para Jaú.

Atualmente observa-se que a mão-de-obra de baixo custo para o setor, um dos principais determinantes da competitividade dessa indústria, tende a perder a importância frente às atuais tendências de desenvolvimento dessa indústria em nível mundial, as quais privilegiam a competitividade baseada em inovações tecnológicas e organizacionais, aliados ao desenvolvimento de mecanismos que garantam níveis mais elevados de qualificação da mão-de-obra. Isto irá dificultar ainda mais as características produtivas do pólo calçadista jauense, porém são fundamentais para o crescimento desse pólo como grande produtor e um possível exportador de calçado.

O quadro de dificuldades e perspectivas das empresas é este, porém as respostas terão que vir necessariamente do local, pois foi neste espaço que foram instaladas as primeiras indústrias, e é só aqui que poderão surgir sugestões e alternativas para aperfeiçoar e melhorar a produção no pólo calçadista de Jaú.

Bibliografia

BENKO, G. *Economia , Espaço e Globalização Na Aurora do Século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CANOAS, J.W. *Nas Pegadas dos Sapateiros: Os Sindicatos em Franca, SP*. Franca: UNESP/FHDSS; Prefeitura Municipal, 1993.

ESPECIAL DE FIM DE ANO. *Jornal Comércio do Jahu*. Jaú, 1995.

MENDES, A.A. *Reestruturações locais como efeitos da globalização econômica: Uma análise da Estrutura Produtiva mutante do pólo Têxtil de Americana, SP*. 1997. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

OFFE, C. *Time, Money and Welfare-States Capitalism*. In: *Civil Society and the State* New York, 1988.

REIS, C.N. *A indústria brasileira de calçados: inserção internacional e dinâmica interna dos anos 80 f. 1994*. (Tese Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RINALDI, D.M.C. *O Façonismo em Franca*. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 1987. Mimeografado.

SCHMITZ, H. *Flexible specialisation – a new paradigm of small – scale industrialisation?* [s.l.]: Institute of Development Studies, 1989.